

Smartcities: Modelo de comunicação Global? Uma abordagem da Geografia da Comunicação¹

Paulo Celso da SILVA²
Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP

Resumo

O estudo busca responder se os modelos globais de comunicação urbana são garantia ou possibilitam a criação de uma identidade cidadã, para tanto desenvolvemos o conceito de 'modelos globais de comunicação urbana' enquanto processos comunicacionais de constituição e construção da cidade, ou seja, cada cidade busca soluções locais/globais para a quantidade de dados/informações disponíveis nas mais variadas redes. Teóricos e consultores afirmam a prevalência da cidade para o futuro de todos, em uma visão e possibilidades holísticas, na qual a cidade é o ponto chave para o futuro sustentável das pessoas e vital para o futuro de todo o entorno natural, entretanto verificamos um processo novo de ghettrificação, o qual indicamos e analisamos.

Palavras-chave: Smartcity; Geografia da Comunicação; Cidade; Ghettrificação.

Plataformas cidadinas capitalistas de alta tecnologia

Plataformas coletivas de desenvolvimento foram e continuam sendo criadas e aperfeiçoadas pelos atores envolvidos. Por exemplo, em 15 dezembro de 2015, a Cityzenith, companhia estadunidense com projetos para Smartcity e IoT (Internet of Things ou Internet das Coisas) anunciou sua participação na Microsoft CityNext, iniciativa global da Microsoft com a proposta para :

capacitar cidades, empresas e cidadãos a futuros re-imaginar o futuro e cultivar com vibração suas comunidades. Por meio da iniciativa Microsoft CityNext, Microsoft e Cityzenith ajudarão os líderes a fazer o "novo com menos", combinando o poder da tecnologia com ideias inovadoras, para conectar os governos, empresas e cidadãos com os serviços oferecidos que aumentam a eficiência, reduzem custos, promovem mais um ambiente sustentável e cultivam comunidades onde as pessoas prosperam .

A mesma empresa também mantém convênio com a Global Smart Cities da Accenture, a maior empresa de consultoria do mundo e, conforme seu diretor, "5D Smart City™ da Cityzenith é a primeira plataforma e a mais desenvolvida no que respeita a IoT

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do PPG-Comunicação e Cultura da UNISO, email: paulo.silva@prof.uniso.br

5D dentro de sua classe, no mercado atual e proporciona o complemento ideal para o enorme grupo de atuações da Accenture" .

Em 11 de Novembro de 2015, a mesma Cityzenith apresentou a versão 3.0 da 5D Smart City™ com lançamento na Smart City Expo World Congress de Barcelona (17-19/11/2015), evento anual que congregou participantes dos setores público, acadêmico, privado.

Para termos uma ideia do funcionamento da plataforma, o 5D Smart City™ em seus módulos agregam, conectam e investigam os dados por intermédio de suas chaves de infraestrutura, segurança e meio ambiente, cabendo à empresa usuária selecionar e personalizar as análises dentro de suas necessidades. De maneira entusiástica, o responsável pelos dados em Chicago afirma as vantagens para a governança: "Em parte as cidades podem caracterizar-se pelos sucessos que acontecem no seu cotidiano, desde responder as necessidades dos moradores até a água potável do subsolo" (PR NEWSWIRE... 2015b).

Todo esse entusiasmo não é compartilhado por alguns setores da população que convivem com as mudanças propostas pela tecnologia. O documentário San Francisco 2.0, exibido pelo canal HBO em 28 de setembro de 2015, mostra como a cidade viu aumentar o ritmo do processo de gentrificação nos últimos anos. E, em 2014, a matéria de Dani Garcia abordando San Francisco, questionava:

Na série televisiva Boss, sob essa dura caricatura da política e com o pano de fundo de Chicago, se plasma perfeitamente absorção pelo sistema de gestão da cidade de hoje como um produto. As prefeituras permitem que empresas privadas (sob corrupções consentidas) invistam grandes somas de dinheiro, as que, evidentemente, saem beneficiadas. O fato é que a gentrificação pode afetar qualquer pessoa e quase sempre negativamente. Não resolve os problemas, simplesmente os expulsa, inclusive isso é uma questão de saúde pública, tal como reconhecido pelo Centro de Controle de Doenças Estadunidense (mais níveis de stress, violência, crime e doença mental). "É San Francisco New York ? ", pergunta New York Mag. A avalanche gentrificadora fez com que a cidade californiana já tenha superado os números da Big Apple na categoria de "aluguéis exorbitantes". Para onde estão indo os sanfranciscanos? A East Bay, Oakland, cidade da classe trabalhadora, do outro lado da Bay Bridge onde os aluguéis são mais baratos . (GARCÍA, 15/12/2014)

Também o periódico New York Times não deixou de noticiar os problemas vividos em San Francisco, principalmente em bairros como *The Mission*, tradicionalmente ocupado por imigrantes hispânicos que viviam em pequenos apartamentos controlados pela municipalidade e agora deram lugar para condomínios de luxo, lojas de produtos importados. Sendo a quarta comunidade preferida dos trabalhadores de alta tecnologia de Silicon Valley, o bairro foi "invadido" por esses profissionais e a gentrificação teve suas consequências mais diretas e drásticas (POGASH, 22/05/2015).

Entretanto, conforme matéria da revista Forbes de 15/08/2014, San Francisco era a cidade-líder em projetos smartcity e destacava os vários pontos de Wi-fi gratuitos e as três milhas dessa conexão na Market Street, centro da cidade. Outra liderança de San Francisco é nos projetos de reciclagem, conservação e economia de energia, as cem estações de recarga para carros híbridos (REIS, 2014).

Outra iniciativa de San Francisco, iniciada em 2005 pela empresa Rebar, que se autodenomina entre arte, design e ativismo no espaço público, é o Parklest ou Vaga Viva, no Brasil. A ideia era ocupar espaços de estacionamento para uso das pessoas. O primeiro de San Francisco aconteceu na #1 e Mission Streets. Afirma, Chen, arquiteta responsável, em 2013, pelo setor que: No começo as pessoas pareciam não aprovar tanto a ideia... Mas com o tempo outros estabelecimentos comerciais começaram a ver que todo mundo saía ganhando com os Parklets e queriam, também, construir os seus (GARCIA, 2013).

Em capítulo publicado no e-book 'Midicidade', editado pelo grupo de pesquisa MIDCID - UNISO e intitulado 'Gentrification e Rent Gap em dois Bairros tradicionais da indústria têxtil no Brasil e na Espanha: transformações urbanas no século XX e XXI', Lanças, Santos & Silva analisam os bairros do Poblenou em Barcelona/ES e Santa Rosália/Sorocaba/BR, indicando o processo de gentrificação que, já na década de 1960 foi estudado pela socióloga inglesa Ruth Glass, entendendo por essa denominação o processo de expulsão de moradores de baixa renda de bairros centrais de Londres. Afirmava (1964, p. 20):

Um a um, muitos dos bairros da classe trabalhadora de Londres, foram invadidos por pessoas das classes médias superiores e inferiores. Casas degradadas, antigos estábulos transformados em moradia e casas modestas com dois quartos encima e dois embaixo, foram ocupadas, quando os seus aluguéis venceram, e tornaram-se elegantes e caras residências [...].Uma vez que este processo de "gentrification" começa em um distrito ele segue rapidamente até que todos ou a maior parte dos ocupantes das classes trabalhadoras originais sejam deslocados e o caráter social inteiro do distrito é modificado.

Concluem os autores que os dois bairros foram alvo do mercado imobiliário que visava uma recolocação financeira para seus espaços. Entretanto, fixando-nos no bairro catalão, podemos afirmar que Barcelona, desde a I Exposição Universal, no século XIX, busca a internacionalização e o Poblenou serve, até o momento, de estímulo para atrair empresas, agora em atividades comunicacionais e artísticas.

Entretanto, algumas experiências e projetos, ainda que possam ser analisados pelo viés do processo de gentrificação clássica, quando incluídos os componentes comunicacionais e artísticos e os agentes deflagradores do processo, não apenas de ocupação espacial mas, também, de agenciamentos socioculturais, informacionais e/ou comunicacionais/midiáticas, indicam possibilidades de análises diferentes. É o se pode verificar, por exemplo, na iniciativa do Poblenou Urban District fundada em 2012 com o objetivo de promover o Poblenou como o Nuevo Distrito del Arte y la Creatividad de Barcelona, a proposta baseia-se também em outros projetos e experiências internacionais como Wynwood Arts District (Miami), Meatpacking District (Nova York) e o distrito de Hackney, de Londres.

Retomando investigações anteriores (SILVA, 2012, 2014) no qual estudando Milton Santos, refletíamos que "Mídia, antes de ser comunicação é espaço" (SANTOS, 2007, p. 74) dado que a percepção do espaço mantém relação com a velocidade das pessoas, das mensagens e das coisas e a contemporaneidade pode ser vivida e os lugares estão em todos os lugares, implicando novas formas de identidades não apenas cultural local, mas com outras assumidas no contato e imersão cotidianas. Com isso, modelos globais de comunicação urbana estão distribuídos pelas Smartcities e podem proporcionar esses outros vínculos, ainda que a população não se dê conta que da mediação desses modelos globais. No caso de Barcelona, podemos adiantar neste momento, o Poblenou Urban District parece atender tal expectativa, como fica demonstrado no depoimento de Martins Noaksson, designer de móveis vintage escandinavos, afirmando que seus vizinhos deram uma acolhida calorosa a ele e ao seu trabalho e formam 90% dos clientes da Noak Room, acredita, também, que os vizinhos apreciam o espírito criativo do bairro.

Dessa forma, podemos perceber que os processos comunicacionais, artísticos e urbanos estão em constante transformações em composições e recomposições que sugerem práticas passadas, como a gentrificação, em seu sentido tradicional de expulsão dos moradores tradicionais pelas novas classes que chegam para compor os bairros; e outros processos, como na criação e formação de novas atividades e socialidades como as descritas no Poblenou Urban District.

Na escala macro, o governo central da Catalunha apresentou, no Smart City Expo 2015, propostas de intervenção regional, a qual, já em 2014 havia denominado de SmartCAT, com o objetivo de “ transcender o conceito de ‘smartcity’ e desenvolver um programa para integrar e coordenar as iniciativas locais e supralocais, dando suporte às

empresas e impulsionar iniciativas 'smart' fundamentais para o país. O âmbito de atuação da SmartCAT ficou definido como os da economia inteligente, governo inteligente o do cidadão inteligente (ESTRATÈGIA smartCAT).

Outra consideração que podemos fazer, refere-se a "moda das smartcities", ou seja, parece acertado considerar que, no ultimo triênio de estudos (2014-2016), o tema das Smartcities, como recorrente e significativo para as áreas de ciências sociais e humanas, pode ter perdido a força midiática que havia conquistado em anos anteriores. Um estudo por amostragem com 531 pessoas, feita em janeiro publicado em maio de 2016 pelo *Institution of Engineering and Technology* (IET) do Reino Unido, indicou que apenas 1 em cada 5 pessoas sabiam o que era Smartcity e o número mais baixo entre pessoas com 65 ou mais anos.

É surpreendente, então, que a evidência mostrada neste relatório sugira que o público ainda tem que comprar a ideia das Smartcities - e ser convencido do valor e dos benefícios que a tecnologia, apresentada na escala da cidade, poderia trazer para suas vidas diárias. Novas tecnologias e aplicações disruptivas, tais como Uber (serviços de táxi on-demand) e Airbnb (serviço de alojamento on-line) podem ajudar a mudar corações e mentes. Conforme esses serviços 'bottom-up' se tornem confiantes e populares com o público, a aprovação e aceitação de tecnologias Smartcity podem tornar mais fáceis (IET, pág., 5).

Em entrevista com o Prof. Dr. Carles Carreras i Verdaguer, em janeiro de 2015, no prédio da Faculdade de Geografia da Universitat de Barcelona (Espanha), o geógrafo que tem Barcelona como seu objeto de estudos a mais de 40 anos, vai afirmar que “a cidade sempre foi inteligente. Os modelos globais propostos atualmente servem para justificar algumas intervenções do capital internacional que se quer global”. Por outro lado, José María de Lapuerta, catedrático da Politécnica de Arquitectura de Madrid (UPM), afirmou em maio de 2016 que, com as possibilidades abertas pelas tecnologias das coisas e os dados disponíveis se, devidamente analisados, são fonte de conhecimento e intervenção na cidade, "esses milhões de dados coletados pelos sensores, devemos saber interpreta-los e tirar proveito. A bolha imobiliária, com estes níveis de análises teria sido totalmente previsível" (OLEAGA, 2016).

Tais parâmetros, evidentemente, servem aos interesses internacionais financeiros e tecnológicos nos lugares, no sentido de delimitar onde esses setores terão maiores condições de desenvolver seus produtos e serviços com êxito e, no limite, uma fusão e conjunção dos interesses financeiros com os tecnológicos na cidade. A cidade cumprindo seu papel de objeto de consumo privilegiado, na qual as classes sociais tem acesso às partes,

aparatos e aplicativos (APP's) para maior consumo dos produtos inseridos e "obrigatórios" para sobreviver ao cotidiano.

Isso pode ser medido, por exemplo, pelo acordo firmado entre a Waze, o Ayuntamiento de Barcelona (prefeitura) e a Generalitat de Catalunya (Governo Central). Afirmo o site do BCN CONECTA:

Hoje conhecemos que Waze, o app gratuito de tráfego e navegação baseado na maior comunidade do mundo (e agora do Google) firmou um acordo com o Ayuntamiento de Barcelona e a Generalitat de Catalunya no marco do programa Cidadão Conectados para Smartcities. Isto os converte em sócios estratégicos de Waze e se somam a outros 10 sócios em toda a Europa e no CCP (Connected Citizen Program) (BCN CONECTA, 2016).

Não cabe dúvida de que essa demanda pela maior participação e “humanização” seja uma constante nos textos e nas falas dos que trabalham com o tema das Smartcities. Rick Robinson, por exemplo, refletindo acerca dos mitos e equívocos do tema das Smartcities, indica como mito ou equívoco nº 4 a consideração de que Masdar e Songdo as cidades mais inteligentes do planeta e no outro extremo que as duas cidades são loucuras de tecnologias desumanas e complementa:

Em minha opinião, elas não são nem as cidades mais inteligentes do mundo, nem desumanas. Como em qualquer outro lugar, eles ficam entre esses dois extremos. Recentemente perguntei a um arquiteto respeitado o motivo de que tantos novos desenvolvimentos urbanos, pareciam não levar na devida medida o comportamento natural das pessoas que esperavam utilizar tais espaços. Ele respondeu que os novos projetos raramente funcionam de imediato: pois o nosso comportamento se adapta para tirar o melhor proveito do ambiente que nos rodeia; quando esse ambiente muda, é preciso tempo para que nos adaptemos a sua nova forma. Até que nós consigamos, parece que a nova forma não nos atende (ROBINSON, 2013).

Contudo, a criação de uma Smartcity não está isenta de contradições, conflitos e disputas entre os atores envolvidos. A pesquisadora da Seoul National University, Sofia T. Shwayri acompanhou os desdobramentos de Songdo *in loco* e por meio dos meios de comunicação, extraíndo dos jornais os fatos e acontecimentos que compunham uma crônica diária do desenvolvimento do projeto, em especial os posicionamentos dos governos locais e nacionais, dos investidores e também dos moradores, incluindo opiniões de sites e blogs acerca de Songdo. Destaca a publicação da IFEZA - Incheon Free Economic Zone Authority (Coreia do Sul) que publica, desde 2004, e com uma média de cinco exemplares, uma revista promovendo e, principalmente, promovendo Songdo com o intuito de atingir potenciais investidores globais. A revista ainda informa os encontros, conferências empresariais e fóruns que acontecem para atrair a atenção do público profissional (2013, págs. 39-40).

O processo de criação da u-eco-city de Songdo pode ser reconhecido ainda no ano de 1988 quando o candidato à presidência da Coreia do Sul visitou a área de Incheon, incluía também um acordo de cooperação entre a China e a Coreia do Sul, que em 1991, culminou na inauguração de escritórios comerciais nos dois países sendo que, o escritório chinês servia também como Consulado da República Popular da China, vindo a facilitar os negócios turísticos. O avanço nos relacionamentos e intercâmbios entre os dois países implicou em recolocar a China, nos anos iniciais do século XXI, como o segundo exportador mais importante da Coreia e a nação meta para investimentos coreanos.

O tema da criação de Songdo New Town (como era conhecida na época) volta a emergir em 1994 e, a empresa vencedora para iniciar o projeto, foi o Office of Metropolitan Architecture (OMA) associado à coreana Daewoo tendo seu centro principal nas indústrias da informação e da comunicação, bem como de alta tecnologia. Entretanto, nesse intermeio, a sócia coreana teve dificuldades financeiras que a obrigaram a se retirar do projeto da cidade. A crise financeira de 1997 também obrigou o governo coreano a buscar reestruturar suas contas e priorizar suas ações.

Uma das ações com impacto internacional foi a criação de zonas de economia livre com legislação e apoios governamentais específicos para captar capital estrangeiro. Tais ações impulsionaram tanto local quanto globalmente o projeto de Songdo , tendo sido encabeçado pelo prefeito de Incheon, Sang-soo Ahn, no que tange a divulgação internacional e os acordos locais necessários ao desenvolvimento legal e social da cidade em construção. Foram muitas rodadas de negociações até que, por exemplo, a questão dos aterros para recuperar ao uso social, 53,4 Km² de área marítima, fossem aprovados. O aterro e a reabilitação da área e toda a consequência ambiental que essa ação trouxe, foi o problema principal dos conflitos e ele perdura. “Os pescadores de Songdo foram os primeiros a protestar e serem presos em 1995 e mais tarde vão reivindicar uma vitória, não em parar o aterro, mas em ganhar alguma participação na nova cidade” (H. Park, 1996 apud SHWAYRI, 2013, pág. 45) .

Um plano de ações mais racional, em termos ecológicos atuais, foi aprovado em 2006, depois de uma década de debates e embates entre os diversos atores que estavam envolvidos e os novos que se engajavam, cada nova etapa da reabilitação e aterro foram seguidas de confrontos entre os grupos. Conforme os trabalhos avançavam, a situação dos pescadores complicava-se mais e “quase 82 por cento deles adquiriu ações em Songdo, parte do qual se tornou conhecido Fisherman's Living Policy , garantindo a cada um pedaço

de terra medindo 165 metros quadrados para iniciar seus próprios negócios” (SHWAYRI, 2013, pág. 45) .

Acrescenta-se também que várias espécimes, algumas exclusivas da área, que tinham aquelas água seu habitat migraram e outras foram extintas.

Entretanto, cabe aqui pensar relações da cidade como uma totalidade, a das pessoas em seu cotidiano imediato, difere da cidade financeira que acontece dentro dela, formando outras redes, fluxos e fixos em uma globalização visível espacialmente, na qual a hegemonia das empresas - a Gale INTL, CISCO em Songdo, por exemplo – é a autoafirmação física, dessa globalização e da identidade das Smartcities.

Pesquisando o “cotidiano de Songdo” em blogs, encontramos diversos depoimentos em diários de viagem, os quais podem dar uma dimensão, pouco precisa talvez, mas que serve para confrontar com indicado em estudos, como o já citado de Sofia Shwayri. Escolhemos o blog *There’s She goes – Thoughts, obsessions and adventures of a crazy plant lady in the making* organizado pela Filipina Caroline Javier ou Laline [pronuncia-se LUH-LINE] e iniciado em 2014, depois que viajou para a Coreia do Sul e fez os primeiros registros nesse formato. O blog registra a visita no dia 2 de novembro de 2014, então o quarto dia em que estava em Songdo. Laline assim descreve o dia em Songdo:

Fomos recebidas por uma rajada selvagem de vento, deparamo-nos em puro espanto. Nós duas estávamos em êxtase. Realmente. nós nunca pensamos que, literalmente, estaríamos aqui. Como ... lá, em Songdo, onde vimos os gêmeos [crianças coreanas de uma postagem caseira do Youtube que se tornou viral] e Song Il Gook (artista coreano) de bicicleta ao redor com sua carroça com assinatura e tudo. Era diferente. Um lugar onde todo mundo é uma família. Onde as crianças brincam muito livremente. As pessoas mais velhas podem caminhar ativamente. Um lugar onde um Segways [veículo elétrico] são uma forma familiar de transporte para as crianças. E há essa recanto super fofo no qual as crianças podem apenas ler e devolver livros! Mona e eu estávamos em nosso modo de alerta para detectar os amados trigêmeos, mas no final do dia, mesmo que não conseguindo, realmente vê-los, o dia acabou por ser grande. Songdo Central Park foi um lugar tão fascinante. Eu estava ansiosa para respirar toda a energia do lugar, eu infelizmente não fui capaz de tirar fotos da maioria das coisas vistas. Todo mundo parecia tão agradável e ativa na vida, é um lugar tão ideal para ter uma família (THERE’S SHE GOES... 2014).

Pelas postagens, depoimentos, fotos, deste e outros sites pesquisados, percebe-se que o cotidiano em uma Smartcity nova, como Songdo, é representado por uma linearidade e uma simplicidade que parece destoar de uma cidade globalizada, reconhecida como um distrito internacional de negócios, principalmente, na qual as contradições impostas pela

globalização não são visíveis, ao contrário, ao olhar do senso comum, a relação entre Smartcity, distrito financeiro internacional e vida cotidiana articulam-se no âmago da globalização contemporânea.

De forma análoga, quando analisa Londres, Massey vai afirmar que “desse ponto de vista, certamente nem a City [financeira] nem a cidade em sentido mais amplo podem ser interpretadas como vítimas locais da globalização... Globalizado, certamente, mas não simplesmente aberto” (2008, pág.268-9). Cabe considerar os limites impostos em Songdo para os próprios coreanos, “os moradores locais que trabalham para empresas estrangeiras seriam autorizados a viver em Songdo, mas apenas em pequenas percentagens” (SHWAYRI, 2013, pág. 54) , sem contar que, no hospital internacional os coreanos podem buscar tratamento de saúde, mas deverão arcar com 100% dos custos, pois o plano de saúde nacional não cobre os custos.

Assim, a “desumanidade” nas Smartcities pode ser compreendida considerando essa relação dialética entre atores hegemônicos e não hegemônicos distribuídos e utilizando os territórios. Santos, nesse sentido, indica que, para os atores hegemônicos, o território usado é um recurso e para os atores não-hegemônicos é seu abrigo (SANTOS, 2000, pág. 12). Os primeiros utilizando o território para os seus interesses particulares com investimentos específicos para cada parte do território, o que amplia, ainda mais, as divisões social e territorial do trabalho; já os segundos, para garantir a sua sobrevivência buscam adaptar-se aos locais criando e recriando estratégias nos lugares.

Ao seu modo, ambos atores recorrem às estratégias particulares para impor no território sua identidade, ou seja, quando a CISCO conclama a inteligência de Songdo ou a Fast Company Magazine quando afirmou que:

Tanto quanto o papel de Deus (ou SimCity), New Songdo é a mais ambiciosa e eminente cidade desde Brasília há 50 anos. Brasília, é claro, foi um desastre instantâneo: grandiosa, monstruosamente em sobre escala, e imediatamente cercado por favelas...[Songdo] É um "distrito de negócios internacionais" e um "aerotrópolis" - ocidental - cidade orientada e mais focada no aeroporto e na China, muito além de Seul. E pode-se supor uma "cidade inteligente", ornamentada com chips que falam entre si e como tal designados, anos antes a IBM lançou as bases de sua religião "Smarter Planet" (LINDSAY, 2010).

Modelos Globais (possíveis!) de Comunicação Urbana? Encaminhando outro debate

É necessário lembrar uma questão importante: “o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido” (DARDEL, 2011, PÁG. 33). Com isso, as Smartcities como modelos globais de comunicação, não “colorem” uma realidade posta, ao

contrário, como participante da construção humana do espaço, reagrupam as possibilidades já existentes pela via da comunicação abrindo caminhos para a interação, informação e, também para o controle e monitoramento. A quantidade de câmeras, radares e vistas de satélite, criam e recriam as cartografias cidadãs e as oficiais, das empresas governamentais e suas parceiras na prestação dos serviços vinculados à comunicação, onde “a rota desfaz o espaço para recriá-lo, reagrupá-lo... dando-lhe um sentido na dupla acepção do termo: um significado expresso em uma direção” (DARDEL, 2011, pág. 29). No caso das Smartcities, significados e direções que, necessariamente, precisam ser locais, graças aos aplicativos cidadãos e outros serviços; e globais, capazes de gerar produção e consumo da cidade e de seus espaços de forma compartilhada. Isso já estava sugerido, em 1999, pelo Estudi Ciutat Digital do Institut Català de Tecnologia - ICT , acerca da cidade digital para Barcelona quando afirmava:

os centros urbanos deverão investir nos 3C: conceitos, capacidades e conexões, isto é, investir em inovação e criatividade (conceitos), fomentar a aplicação e a difusão das experiências e os conhecimentos tácitos e garantir as capacidades de produção e de consumo (capacidades) e, finalmente, dispor das vias de comunicação e acesso aos outros polos mundiais de atividade para assegurar as relações com o resto do mundo (conexões). (1999, pág. 40)

A parceria entre os governos e empresas foi fundamental para a implantação de processos de inovação, muitas vezes contrários aos interesses das populações em Barcelona e Songdo.

Nestes dois casos, as evidências sugerem que, os governos locais, antes de parceiros, são os agentes que criam as condições políticas e sociais para que, em momento oportuno, quase sempre a médio e curto prazos, as empresas materializem suas intervenções nos territórios. Quando esse processo não pode ser deflagrado no tempo imposto pelo capital, graças à morosidade da burocracia estatal, ou mesmo, de novas demandas criadas pelas populações implicadas e não programadas no “calendário oficial” dos poderes econômicos e governamentais, é eminente o confronto de ideias, necessidades e posicionamentos das partes envolvidas.

As reclamações e demandas, em Songdo como em Barcelona, recaem na escolha de ser uma cidade internacional. Songdo, inclusive, já nasce como Distrito Internacional de Negócios e, portanto, com vistas ao atendimento do estrangeiro em detrimento ao coreano, algo como uma mistura de guetificação (segregação e exclusão) com gentrificação

(aburguesamento e valorização de áreas “degradadas”) - talvez **ghettrification/guentrificação**? Ambos processos naturalizados ou dados como inevitáveis e necessários pelos meios de comunicação globais, chamados a compor com empresas de jornalísticas/televisivas, publicidade, empreiteiras, bancos, etc.; um consórcio internacional, sem nenhum critério moral, na hora de transformar e recriar os territórios, apenas o lucro global, sempre conseguidos a custa dos locais, ou seja, o território vivido das pessoas no seu cotidiano.

O novo modelo de comunicação urbana que se pretende Global, se acaso inaugura um novo modo de participação, principalmente pelo volume de vendas e rendimento que geram, tratando a cidade como um produto no mercado globalizado, também apontam novas vulnerabilidades e estranhamentos. Vulnerabilidades na identidade ainda em formação, baseadas em regras, ordens, poder de uma marca fixada no imaginário local e que iria redimir todas das dificuldades existentes em uma “cidade normal”. Estranhamento também para aceitar e conviver com o outro e suas diferenças.

Nas cidades, a parceria entre o poder público e os poderes privados buscavam ser modelos para a vida no presente e paradigma para um futuro coletivo, entretanto, como afirmava Delgado para Barcelona, mas serve para as demais (2007, pág. 12) :

Na realidade, modelo de projeto alucinado e visionário de cidade, brinquedo nas mãos de planejadores que acreditaram que seus desígnios e a vontade ordenadora das instituições que serviam eram suficientes para superar e fazer desaparecer os conflitos, as desigualdades e os mal estares... Modelo de uma vocação fanática de transparência, o destino da qual foi constituir uma cidade legível e, portanto, obedecível e obediente. Modelo de simplificação identitária .

A estandardização da identidade e do modo de ver e viver a cidade, não é exclusividade das que descrevemos. Atores hegemônicos buscam criar condições para que a opinião pública seja coesa com os interesses e valores políticos, econômicos, educacionais dos governos e empresas. A participação cidadã, por seu turno, não é linear, ainda que não podemos dizer que haja participação efetiva nas principais demandas que ocorrem nas cidades. No caso das cidades estudadas, a própria oferta da Branding City com seus espetáculos midiáticos, de cores, marcas, consumo, tecnologias, serve como anestesia para participar ou pensar mais criticamente e leva ao conformismo de uma parcela da população. Analisando o novo cidadão, afirmou Southerton acerca da proposta de construir Songdo ,

reflete uma nova cultura global e não dominada por uma única nação ou região, mas um grupo diversificado de pessoas com gostos e necessidades semelhantes. Esta nova geração de moradores exige estado da arte da tecnologia, edifícios eco-friendly Green, uma linguagem de negócios universal (Inglês), uma classe de recreação mundial e alto padrão para as instalações médicas e educacionais "(Southerton, 2009, pág. 91)

Contudo, no plano do urbanismo contemporâneo parece haver uma indicação de que o capital global está deslocando seu eixo, no século XXI, da América do Norte, mais especificamente os Estados Unidos, então a escolha do século XX, para a Ásia (Masdar City (Abu Dhabi), Dongtan (China), Songdo (South Korea), Mahindra World City (Índia), Zira Island (Azerbaijão)). Isso traz consequências tanto econômicas, lembrando a posição geográfica privilegiada de Songdo para a circulação do capital financeiro e humano, quanto geopolítica, e aqui incluindo as grandes agências de notícias do mundo, reagrupando e atendendo demandas de marketing e mídia dos grandes empreendimentos. Em artigo para o *Le Monde*, Teis Hansen afirma:

Assim, no final, essas cidades parecem ser resultado do marketing e do ufanismo urbano, mais que qualquer outra coisa. Falando acerca da arquitetura, François Chaslin recentemente repetiu esses pensamentos, dizendo que "a arquitetura de hoje é muitas vezes sujeita ao dinheiro e ao marketing: é uma ferramenta que visa fazer coisas, pessoas e cidades brilharem (...)" (1). Os megaprojetos são versões do edifício mais alto do mundo do século XXI: gerador de atenção, mas com pouco impacto real, no longo prazo, em termos de desenvolvimento sustentável. Na verdade, eles podem até mesmo ser vistos como prejudiciais, pois desviam juros e fundos de medidas menos atrativas, mas eficazes, tais como a melhoria do isolamento das casas, a instalação de medidores inteligentes ou mesmo, apenas conectar essas áreas com a infraestrutura urbana existente. Infelizmente, os benefícios desses projetos são, em muitos casos, ainda considerados em termos de atenção da mídia ao invés de impacto ambiental puro.

A midiática desses empreendimentos, aliada à importância e necessidade de tecnologias de informação e comunicação para alcançar os eco-resultados esperados, oferece, em troca do conceito e das práticas cotidianas de pertencimento, o conceito e a adaptação para a resiliência. Talvez hoje um conceito da globalização neoliberal, na qual ocorreu uma troca foi a de que: no capitalismo industrial éramos culpados da própria incompetência; agora, no capitalismo 24/7 (vinte quatro horas por sete dias) somos

chamados a desenvolver a capacidade de autossuperação e adaptação às intempéries, mudanças e pressões “naturalizadas” no mercado global.

A comunicação urbana nestes momentos de deslocamentos, em geral do sul para o norte geopolítico, pelos mais variados motivos, desde conflitos internos, guerras, busca de outro futuro imaginado, poderia ter nas cidades, nas Smartcities, um destino no qual os diálogos estariam abertos e facilitados pelas tecnologias, das quais os agentes públicos e privados vangloriam-se de implantar e oferecer, favorecendo vidas e criando condições para um pertencimento solidário e humanista e na qual as culturas (sempre plurais) poderiam gerar um desenvolvimento sustentável e solidário em confronto com um economicismo, como sugeria o documento da Eurocities, desde sua fundação em 1986, com a proposta de coordenar as ações das cidades na Europa (hoje sediada em Bruxelas), e entre as quais encontra-se Barcelona. Poderíamos ter assim uma consciência global do lugar, como sugere Massey (2008). Contudo, como afirma Delgado (2007, pág. 237) a cultura, por seu turno, tornou-se a nova religião dos Estados e de suas políticas de ghettificação globais, aplicadas nos locais.

Entretanto, o movimento dessa comunicação urbana, ao mesmo tempo global e local e talvez muito mais profunda glocal, pois esse conceito, travestido pelo rótulo do holismo, parece reduzir os processos antagônicos dessas duas escalas sociais da vida nos territórios, também inclui releituras de fenômenos globais que são feitos no local, criando no plano simbólico, outras identidades e trazendo novas formas expressões e visualidades, além de poder de identidades surgidas nessa re-apropriação e re-leituras. Isso pode ser verificado em exemplos simples como a apropriação de um programa televisivo, Chaves no Brasil criou uma “cultura” na qual, artistas e dubladores tem status de estrelas do showbiz); músicas, Michel Teló fez grande sucesso internacional com a canção ‘Ai se eu te pego’, mesmo africanos, ingleses, holandeses não entendendo o que dizia ou o que sentido tinha sua canção; artes visuais, quando o artista chinês Ai Weiwei leva um piano de cauda para um campo de refugiados; ou ainda em questões mais complexas como o movimento e a fixação/deportação de refugiados na Europa e suas imagens estandardizadas pelas agencias noticiosas mas confrontada com corpos que insistem em viver desarticulando fronteiras legais e ilegais.

Isso cria uma dificuldade, que é, ao mesmo tempo, também um desafio de uma comunicação urbana que não seja apenas plural, mas que agregue múltiplas formas e

formações locais, territoriais, globais em sua performance e atente para as realidade do Homem.

REFERÊNCIAS

- BCN CONecta. Tráfico y movilidad. Waze, Ajuntament de Barcelona y Generalitat, socios estratégicos. Disponível em < <http://bcnconecta.com/2016/03/trafico-y-mobilidad-waze-ajuntament-de-barcelona-y-generalitat-socios-estrategicos/>> Acesso em 10 de abril de 2016.
- DARDEL, Eric. O Homem e a Terra. Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELGADO, Manuel. La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del ‘modelo Barcelona’. Madrid: Catarata, 2007.
- ESTRATÈGIA smartCAT. Disponível em <<http://web.gencat.cat/ca/actualitat/detall/Estrategia-smartCAT-00003>> Publicado em 20 Nov. 2014. Acesso em 20 Mai 2016.
- GARCÍA, Dani. EL DERRUMBE EXISTENCIAL de San Francisco. Disponível em <<http://www.yorokobu.es/el-derrumbe-existencial-de-san-francisco/>> Publicado em 15 Dez. 2014. Acesso em 20 Jun. 2016.
- GARCIA, Natália. Parklets: tomando espaço dos carros para as pessoas. Disponível em < <http://thisbigcity.net/pt-br/parklets-tomando-espaco-dos-carros-para-as-pessoas/>> Publicado em 22 jul. 2013. Acesso em 22 Mar. 2016. Ver ainda REBAR. Valuable urban real estate, reprogrammed. Disponível em < <http://rebargroup.org/parking/>> Acesso em 22 Mar. 2016.
- HANSEN, Teis. Eco-metropolises – the way towards sustainable urban living? Disponível em < <http://www.groupechronos.org/publications/blog/eco-metropolises-the-way-towards-sustainable-urban-living>> Publicado em 13 Out. 2010. Acesso em 20 Jun. 2016.
- INSTITUTION OF ENGINEERING AND TECHNOLOGY (IET). Smart Cities Time t involve the people? An insight report from the Institution of Engineering and Technology. Disponível em < <http://www.theiet.org/sectors/thought-leadership/future-cities/articles/smart-cities-involve.cfm>> Acesso em 05 Mai 2016.
- LINDSAY, Greg. Cisco's Big Bet on New Songdo: Creating Cities From Scratch. Disponível em <<http://www.fastcompany.com/1514547/ciscos-big-bet-new-songdo-creating-cities-scratch>> Publicado em 02 Jan. 2010. Acesso em 10 Mai 2016.
- MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- POGASH, Carol. Gentrification Spreads an Upheaval in San Francisco’s Mission District. Disponível em < http://www.nytimes.com/2015/05/23/us/high-rents-elbow-latinos-from-san-franciscos-mission-district.html?_r=0> Publicado em 23 Mai. 2015. Acesso em 02 Mar. 2016.
- PR Newswire Association LLC, a UBM plc company. Cityzenith joins Forces with Microsoft City Next to Bring Innovation to Cities across the Globe. Disponível em < <http://www.prnewswire.com/news-releases/cityzenith-joins-forces-with-microsoft-citynext-to-bring-innovation-to-cities-across-the-globe-300192666.html>> Publicado em 15 Dez. 2015. Acesso em 15 Dez. 2015.
- PR Newswire Association LLC, a UBM plc company. Cityzenith lanza su plataforma de próxima generación 5D IoT en 10 destacadas ciudades inteligentes de todo el mundo. Disponível em <<http://www.prnewswire.com/news-releases/cityzenith-lanza-su-plataforma-de-proxima-generacion-5d-iot-en-10-destacadas-ciudades-inteligentes-de-todo-el-mundo-545642302.html>> Publicado em 15 Dez. 2015b. Acesso em 15 Dez. 2015b.

- LANÇAS, Sandra , SANTOS, Roger & SILVA, Paulo Celso da. Gentrification e rent gap em dois bairros tradicionais 68 da indústria têxtil no Brasil e na Espanha: transformações urbanas no século XX e XXI. In: Paulo Celso da Silva; Wilton Garcia; Mauro Maia Laruccia. (Org.). *Midicidade*. 1ed. Sorocaba: MIDICID PPGCC- Uniso, 2015, v. 1, p. 68-90.
- LINDSAY, Greg. Cisco's Big Bet on New Songdo: Creating Cities From Scratch. Disponível em <<http://www.fastcompany.com/1514547/ciscos-big-bet-new-songdo-creating-cities-scratch>> Publicado em 02 Jan. 2010. Acesso em 10 Mai 2016.
- OLEAGA, Jon. La burbuja inmobiliaria no hubiera sido posible en una Smart City. Disponível em <<http://abcblogs.abc.es/jon-oleaga/2016/05/01/la-burbuja-inmobiliaria-no-hubiera-sido-posible-en-una-smart-city/>> Acesso em 04 Mai. 2016.
- ROBINSON, Roy. Smarter City myths and misconceptions, Disponível em <<https://theurbantechologist.com/2013/07/14/smarter-city-myths-and-misconceptions/>> Publicado em 14 Jul. 2103. Acesso em 10 de Mai. 2016
- SANTOS, Milton. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade IN Milton Santos, Encontros. A arte da Entrevista. Organização Maria Angela P. Leite. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.
- SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização. São Paulo: Record, 2000.
- SILVA, Paulo Celso da. Análise da Produção Intelectual do Dr. Milton Santos e sua relação com a Comunicação. In: Sonia Virginia Moreira. (Org.). *Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas*. 1ed. São Paulo: Intercom, 2012, v. 3, p. 87-107.
- SILVA, Paulo Celso da. Cidade. City. Cité. Smartcity. O espaço contemporâneo do Período Técnico Científico Informacional. Duas experiências globais. In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. Anais do XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2014. v. 1. p. 1104-1115.
- SOUTHERTON, Donald. Chemulpo to Songdo IBD: Korea's International Gateway. Library Congress Cataloging-in-Publication Data, 2009.
- SHWAYRI, Sofia T. . A Model Korean Ubiquitous Eco-City? The Politics of Making Songdo, *Journal of Urban Technology*, 20:1, 2013.
- THERE'S SHE GOES – Thoughts, obsessions and adventures of a crazy plant lady in the making. Disponível em <http://thelalalinemachine.blogspot.com.br/p/about.html>. Acesso em 12 Mai 2016.